

## O ESTUDO DA CORRESPONDÊNCIA INVENÇÃO E REPRESENTAÇÃO NA ESCRITA AUTO-REFERENCIAL

### A MILITÂNCIA INTEGRALISTA (1932-1938)

Lidia Maria Vianna Possas

O presente trabalho vem reafirmar as incríveis possibilidades abertas ao trabalho do historiador na construção do acontecimento, quando ele avança por outros campos, sugeridos e possibilitados pela emergência de novas práticas arquivísticas e historiográficas. Tornam-se possíveis diversas narrativas, uma vez que a produção de fatos resulta de uma práxis (Certeau, 1988), que envolve não apenas a busca de suposta objetividade, mas, principalmente, procedimentos onde se articulam formas de exposição, resultantes da compreensão e da inserção dos historiadores em um determinado cotidiano, e tratamento de fontes diferenciadas, possibilitado pelo acesso aos arquivos e à documentação ainda pouco explorada – como é o caso da correspondência, a “escrita de si”, ou uma “escrita auto-referencial”, que, na trajetória dos tempos modernos, consagra o lugar do indivíduo na sociedade (Gomes, 2003).

A opção de analisar a correspondência como fonte apresentou-se na medida em que minha pesquisa sobre a militância feminina integralista (1932-1938) avançou e assumiu uma certa prioridade, pela constatação da existência de um acervo expressivo de missivas, inclusive femininas, no Arquivo Municipal de Rio Claro<sup>1</sup>, e pela caracterização misógina da organização<sup>2</sup>. Logo percebi as possibilidades oferecidas por este acervo documental, mesmo enfrentando as dificuldades da quase inexistência de estudos de epistolografia<sup>3</sup> naquele momento. Minha investigação era sobre *O Sigma e militância feminina* e observava as mulheres como membros de uma agremiação

política<sup>4</sup>, a Ação Integralista Brasileira - AIB, fundada no início de 1932, que arregimentou mais de um milhão de pessoas de norte a sul do país<sup>5</sup> (Cavalari, 1999).

Com o prosseguimento da pesquisa, a questão da escrita epistolar foi se colocando com mais intensidade, por representar fonte documental de grande riqueza e, também, objeto de análise privilegiado, pela variedade de assuntos tratados, pela interpenetração de procedimentos entre o remetente e o destinatário, e, principalmente, pelas ricas relações de gênero que ela era capaz de revelar.

A correspondência me permitia ainda ouvir as vozes femininas que podiam sair da condição de anonimato, assumir as dimensões do individualismo moderno, de uma identidade singular, além de evidenciar a fragmentação do tempo, com seus ritmos e conteúdos diferenciados, na diacronia e na sincronia, confirmando a impossibilidade de entendê-lo como linear, único e progressivo. As militantes, em momentos simultâneos, emitiram opiniões, ora de natureza íntima, ora coloquial, e, às vezes, observações que extrapolavam o âmbito do privado, atingindo as condições da vida política nacional. A necessidade da análise das missivas me levou a observar outras relações e práticas, vivenciadas em um determinado cotidiano, e a construção de representações e novos significados.

O trabalho de rastrear pistas nos arquivos exige uma certa sensibilidade para perceber os indícios, tão importantes no trabalho do historiador que constrói fatos. Porém, esta ação precisa estar associada a uma certa inquietação pessoal – uma espécie de constante interrogação e de percepção diante do que parecia tão óbvio: o hábito de enviar carta, presente na vida dos indivíduos (homens e mulheres) mais intelectualizados dos segmentos médios da sociedade.

Historicamente, as práticas epistolares tornaram-se mais comuns a partir do século XVIII, na modernidade ocidental, diante das necessidades postas por uma vida cotidiana cada vez mais complexa. Foram implementadas, com o passar do tempo, pelas condições do mercado de impressos, que passou a oferecer cadernos, livros e álbuns,

além de papéis de carta, enfim, toda uma variedade de artigos destinados à prática da escrita de si, para um público com idades e níveis de poder aquisitivo variados (Gomes, 2003). Eram, portanto, um importante veículo de comunicação, de interação e de sociabilidade em um passado recente. Atualmente, vem perdendo sentido pelo acesso mais recorrente aos e-mails descartáveis, pelo ato de deletar informações e assuntos superados, que certamente deixarão um certo vazio, principalmente, quanto a este tipo de documentação, do registro do “eu” para alguém.

A presença de uma correspondência entre indivíduos é extremamente rica para o pesquisador, na medida em que evidencia registros mais subjetivos, de relações sociais múltiplas, sugerindo compromissos, compartilhamento de idéias, opiniões, angústias e troca de favores. Há em muitas cartas o deslocamento dos formalismos para um “cotidiano de dentro” que pode ser revivido mesmo com a percepção de uma filtragem das palavras e de uma estética (Galvão e Gotlib, 2000). O emissor e o receptor tecem um universo complexo e ao mesmo tempo dinâmico de sociabilidade, uma rede de significados e imagens de grande subjetividade, que merecem ser analisados pela possibilidade de recompor outros aspectos menos formais de uma realidade e por se apresentarem como elemento da cultura material de uma época.

Nessa pesquisa sobre as militantes na AIB, foi possível identificar, em um lote de 133 cartas localizadas nos documentos do chefe nacional Plínio Salgado, sob a custódia do Arquivo do Município de Rio Claro, a presença de uma correspondência pessoal especificamente feminina, no conjunto de missivas particulares e oficiais, recebidas e enviadas no período de 1932-1938.

Embora representem um percentual pequeno, tais cartas de mulheres militantes integralistas e simpatizantes da AIB foram capazes de suscitar o “estranhamento” que Ginzburg (2001) recomenda, principalmente, diante de uma certa ausência de perplexidade dos historiadores e estudiosos às voltas com documentos de arquivo, que

reforçam atitudes consideradas por ele como automatização - uma espécie de banalização na percepção da realidade histórica.

O autor sugere a necessidade da "distância" e a presença da atitude de "estranhamento", uma espécie de antídoto contra a banalização da realidade a que estamos sempre expostos e que parece estabelecer uma rotina do cotidiano. "Estranhar" torna-se um "expediente deslegitimador em todos os níveis do político, do social e do cultural". O pesquisador deve interrogar sempre os fundamentos da vida em sociedade, nos mínimos detalhes da existência cotidiana, que devem ser percebidos sempre como algo inusitado.

Tomando como referência essas reflexões, foi possível ampliar e solidificar mais atentamente a minha avaliação e análise da correspondência, considerando as implicações cognitivas do estranhamento. No desdobramento do trabalho, desvendando a natureza epistemológica que esse tipo de trabalho e fonte exigiram, foi possível vislumbrar a atuação de um movimento político de natureza conservadora e totalitária, como foi o da AIB.

Nesse rastro, tomei fôlego para experimentar, ir além do óbvio, "es-pantando-me" - literalmente - diante da variedade de conteúdos presente na correspondência do fundo Plínio Salgado. Percebi, já no primeiro momento, os aspectos subjetivos, os diferentes relacionamentos entre os militantes e as militantes ou mesmo simpatizantes, que definiam uma complexa rede de sociabilidade em diversos níveis de afetividade, além das relações múltiplas onde havia tensões e conflitos que, igualmente, evidenciavam outras construções de sociabilidade e intimidade, não captadas pelos estatutos da AIB, tão pródi-go em disciplinar a vida e o cotidiano dos militantes.

A experiência permitiu observar outras nuances no interior do movimento do Sigma e das inúmeras estratégias de liderança que Plínio Salgado, como chefe nacional da AIB, precisava construir para se afirmar e mesmo mediar os conflitos.

Debrucei-me sobre as cartas, interessando-me atentamente pelas

trocas de palavras nas narrativas elaboradas pelos missivistas, procurando ir além dos sentidos preconcebidos, dos significados costumeiros que a correspondência traduz. A partir desse ponto tentei capturar outras instâncias da realidade em foco, percebendo novas dimensões nas impressões imediatas capazes de revelar imagens e representações derivadas de diferentes modalidades de apreensão do real.

No desempenho dessa tarefa acabei por me aproximar dos últimos estudos de correspondência que vêm despertando o interesse de pesquisadores e historiadores, inclusive brasileiros (Galvão e Gottlib, 2000; Gomes, 2000; Ferreira, 1997; Carvalho, 1998; Heymann, 1997), e que me possibilitaram a interpretação dos códigos epistolares para muito além das obviedades dos tratamentos formalizados, dos discursos e das narrativas pessoalizadas.

São múltiplas as possibilidades de abordagem desse tipo de documento não só pela riqueza que o suporte material das mensagens possui - os códigos sociais, a linguagem e correção lingüística, a temática -, como também pela complexidade que a dimensão pública, objetiva, e também a subjetiva e privada podem revelar em narrativas distintas que transcendem o espaço público, penetrando na privacidade dos indivíduos, a zona de imunidade oferecida ao recolhimento, onde todos podem abandonar as armas e as defesas. Trata-se do lugar da familiaridade, dos sentimentos mais íntimos, no dizer de Mattos (2002, p.38), na medida em que são percebidos como presentes "porta a dentro".

A correspondência, com seus códigos epistolares, é, portanto, repleta de simbolização, de mediações entre o público e o privado. Os argumentos discursivos permitem identificar e analisar as evidências das relações entre o(a) remetente e o(a) destinatário(a) e vice-versa; a maneira como são construídas as redes de trocas de favores; e, no caso de uma correspondência feminina, o modo como se evidenciam as relações de gênero, que trabalhadas em um território específico podem ser traduzidas como relações significantes de poder (Scott, 1997; Matos, 2000; Possas, 2000).

"Prezado Senhor", "Prezado Chefe", "Ao Chefe Nacional": eis alguns dos tratamentos encontrados na correspondência de Plínio Salgado, chefe nacional da AIB.

A correspondência que analiso tem início, precisamente, em 16 de fevereiro de 1932, alguns meses antes da criação oficial da AIB, com o Manifesto de 7 de outubro, em reunião solene no Teatro Municipal de São Paulo. O material abarca um conjunto de missivas que se estende até a morte de Plínio Salgado, em 1975, porém a minha pesquisa termina em 27 de maio de 1938, quando a AIB foi colocada na ilegalidade, juntamente com os demais partidos políticos, após o golpe de 1937 e a instalação do Estado Novo. Aliás, a última carta de 1938, recebida por Plínio Salgado, era cópia de uma missiva enviada a Getúlio Vargas pelo médico Raul Leite. Nela, um militante que estava preso, após a tentativa de invasão feita por integralistas no Catete, em março de 1938, faz um desabafo ao narrar o trabalho que desenvolveu para o país como integralista, mantendo escolas, assistência médica, exames de análise clínica para os pobres e premiação de alunos de medicina, deixando transparecer seu ressentimento pelo tratamento "sem qualquer respeito" que recebeu e pelo tempo em que permaneceu na prisão<sup>8</sup>.

Esses registros são pontuados pela variedade de assuntos que interligavam de uma forma surpreendente a dimensão pública e privada, permitindo-me vislumbrar os níveis de intimidade construídos e permitidos entre o chefe nacional e os militantes, inclusive as mulheres. Pode ser observada nas formas de tratamento utilizadas nas cartas a hierarquia verticalizada existente na agremiação e definida em seus estatutos. Entretanto, no cotidiano expresso nas cartas, revelavam-se os conflitos, as tensões e a luta interna, pois a AIB não foi um movimento homogêneo, como tentava aparentar.

O trânsito nas esferas do poder e os limites de cada função exprimem as particularidades existentes entre representantes das instituições, sejam elas políticas ou religiosas.

Os circuitos da correspondência formal da AIB e da pessoal de Plínio

Salgado confundem-se no acervo<sup>9</sup>, de modo que o privado e o oficial se complementam, revelando as diversas funções que ele exerceu, bem como os diferentes papéis sociais que assumiu, permitindo compreender como se processa a articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito<sup>10</sup> (Chartier, 1988).

As missivas evidenciam como o chefe nacional da AIB, Plínio Salgado, era consultado pelas chefias provinciais e municipais sobre assuntos relativos à instalação de novos núcleos<sup>11</sup> e sobre operações táticas a serem desenvolvidas pela AIB frente às eleições para a Assembleia Nacional Constituinte e Câmara dos Deputados<sup>12</sup>, além do envio de relatórios de punição a companheiros faltosos e de outros assuntos diversos e de natureza protocolar, como a possibilidade de realização de casamentos entre militantes católicos e protestantes.

O conjunto de missivas e telegramas, analisados a partir de um olhar de "estranhamento", mais atento às minúcias e às singularidades de um cotidiano dinâmico, circunstancializado por práticas distintas e construções subjetivas, permitiu adentrar uma outra dimensão da atuação feminina na organização da AIB, que se deslocava do discurso hegemônico, pregado pela proposta ideológica e doutrinária, da universalidade da sua composição, da hierarquia disciplinar e dos debates ufanistas e nacionalistas, para uma concretude de experiências, de resistências e relações vividas por homens e mulheres, consistentemente reinventadas. A AIB não era um movimento coeso. Havia fissuras internas e lideranças afoitas que assumiam atitudes de maior autonomia e cooptação, para a deflagração de atos revolucionários e golpistas<sup>13</sup>.

#### As missivas femininas: destinatárias e remetentes

A primeira missiva estava dirigida à senhora C. Padilla Ibanez, que deveria ser membro da Legión Cívica Argentina<sup>14</sup>. Era uma carta de natureza oficial do Gabinete da Secretaria Nacional de Relações Exteriores da AIB, e propunha estabelecer um permanente intercâmbio com entidades congêneres à AIB nos países latino-americanos<sup>15</sup>. Foi escrita em linguagem formal e tratamento respeitoso com a destina-

tária. A retórica exaltava a relevância do ideal da “nova Argentina” e a cumprimentava pela iminência da construção do grande sonho de Bolívar, que deveria ser comungado por todas as nações latino-americanas e que incluía as ações de Plínio Salgado no Brasil.

A carta, apesar de não ter resposta, permitiu vislumbrar como se dava a aproximação entre agremiações político-partidárias latino-americanas que compartilhavam as mesmas propostas nacionalistas, de cunho fascista, e observar temporalidades distintas na luta pelo acesso das mulheres à vida política. No Brasil o voto feminino tinha sido decretado por Vargas em 24 de fevereiro de 1932, confirmado na Constituição de 1933 e regulamentado na Constituição de 1934 (Avelar, 2001). Na Argentina, no mesmo período, o movimento das sufragistas era atropelado pela clima de lutas políticas internas, sendo que o voto feminino só foi aprovado em 23 de setembro de 1947, após um movimento liderado por Eva Perón, esposa do presidente Juan Domingos Perón (1945-1955).

A correspondência, no entanto, ao destinar-se a uma senhora, com um tratamento polido e oficial, evidenciava a maneira como as relações entre os sexos ocupavam as instâncias burocráticas das agremiações políticas latino-americanas nesse período.

A carta seguinte, devido ao seu conteúdo singular, introduziu uma relação de pessoalidade entre a militância, principalmente de baixa renda, com a chefe da AIB, na pessoa de Plínio Salgado. Era uma missiva dirigida ao “meu chefe Nacional”, em 4 de outubro de 1937 pela “companheira” Sebastiana Maria Santiago, do núcleo da Penha no Espírito Santo. Em uma linguagem simples, com muitos erros gramaticais e de concordância verbal, ela solicitava a importância de 200\$000 (duzentos mil réis) para remediar uma situação de grande necessidade e de penúria que passava em companhia de sua “velha mãe, muito pobre”. Após argumentação repleta de elogios e certa veneração ao chefe, concluía, apelando para o “coração bondoso que me atenda pelo amor da Pátria e de Deus”, dando o endereço e estipulando um prazo.

O teor dessa carta expõe traços do cotidiano e se afasta completamente das demais por seu caráter mais privado, pessoal e, pode-se mesmo afirmar, íntimo, na medida em que não só expunha uma militância feminina que adentrava o movimento sem as condições financeiras mínimas para pagar as mensalidades – “estou com o meu pagamento atrasado no núcleo há 3 meses e não tenho de onde tirar...” –, como também a presença de relações clientelistas que a AIB deveria inclusive incentivar. Não posso afirmar se a solicitação de Sebastiana foi atendida, porém o registro documental permaneceu, único, no conjunto da correspondência recebida por Plínio Salgado. Ela é uma prova clara de como os significados podem ser reconstruídos a partir de situações e experiências vivenciadas por outros sujeitos, mesmo militantes.

A carta seguinte foi enviada em 13 de novembro de 1937, três dias após o golpe de Vargas e a instalação do Estado Novo, por uma militante que se denominou “Integralista de coração”, endereçada a d. Carmela Patti Salgado<sup>16</sup>. Seu conteúdo e preocupações centrais revelavam que era totalmente dirigida a Plínio Salgado.

O momento político nacional era de tensão e de negociações face às medidas repressivas e autoritárias do novo governo. Numa atitude de conciliação face ao fechamento dos partidos políticos, decretado em 11 de novembro, a AIB fora transformada em ABC, Associação Brasileira de Cultura, com Plínio Salgado mantido da presidência. Tratava-se de encontrar uma alternativa, uma brecha, para manter a organização da AIB e a sua militância arregimentada. Em 25 de novembro, numa última tentativa de demonstração de força e disciplina, a AIB realizou um desfile de integralistas e oficiais do Exército e Marinha, todos fardados, que percorreu as ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Diante do clima de “rasteira” passada por Getúlio Vargas no dirigente da AIB, a militante escreve missiva onde se entrelaçam o misticismo religioso católico e uma compreensão equivocada do momento político, com representações de judeus e de comunistas que reforçavam as imagens de perigo iminente. Manifestava preocupação com o desenrolar dos acontecimentos e receio de que Plínio Salgado “não

resistiria, porque não vencerá, porque foi me revelado em sonho. [...] O nosso Plínio não pode agora tomar as rédeas do governo porque os ódios são muitos!!! políticos, judeus e comunistas!!! haveria luta e não pequena". Aconselhava, no final, medidas de conciliação com o governo e, para tal, pedia a proteção divina.

Este documento, mais uma vez, permitiu observar a permanência da mística religiosa, a presença de um messianismo que constrói uma tessitura onde a matriz teológico-política, segundo Marilena Chauí (1994, p. 19-30), retroalimenta a relação entre sociedade e mitologia/política. Emblemática, essa matriz interpenetra as dimensões da vida política brasileira em temporalidades múltiplas e capta distintas esferas do cotidiano, de modo a nada perder, politizando-as com suas formas e crenças.

A carta, escrita em linguagem esmerada e com uma caligrafia bem torneada, demonstrava que a missivista possuía educação formal e bom nível intelectual. No entanto, a racionalidade é conduzida pelo messianismo ao falar de uma oração que deveria ser realizada à noite, ao deitar-se, capaz de revelar em sonho o que se desejava saber sobre o futuro e a organização do país. Nesse sentido, ficção e razão convergiram para o entendimento possível dos acontecimentos, onde os sujeitos, no caso a militante, não querem ficar à margem das decisões. Há a contradição entre o concreto e o abstrato, o real e o sobrenatural. Optei por conviver com a contradição devido à sua riqueza, sem buscar uma síntese explicativa, pois ela e sua complexidade fazem parte da cultura política do país, de nossa tragédia e das especificidades da maneira como as relações de gênero foram sentidas frente à real participação política feminina no cenário nacional.

As três cartas seguintes, escritas em janeiro e fevereiro de 1938, formam um conjunto documental interessante. Foram escritas por diferentes mulheres, que podem ser identificadas como militantes ou simpáticas do movimento. A argumentação elaborada por elas evidenciava o constante apelo aos princípios da doutrina e à necessidade de assegurar a vitória da causa integralista. O tratamento variava

entre o pessoal e o formal, mas o mais importante é que uma delas demonstrava a utilização de redes de sociabilidade ao introduzir uma terceira pessoa para interceder na defesa da AIB e do chefe nacional.

Apesar de estilos diferentes, devido aos papéis e funções que cada uma delas exercia, as missivistas convergiam em muitos aspectos, principalmente ao vivenciar o cotidiano conflitante e crucial para o movimento diante da indecisão da AIB em assumir um discurso mais revolucionário e optar pelo levante armado, o que de fato se deu em 10 de maio de 1938.

A partir de março de 1938, as lideranças mais radicais da organização, como Oribiano de Melo, Belmiro Valverde, Gustavo Barroso e o almirante Nuno Barbosa de Oliveira Silva, com o apoio de Plínio Salgado, iniciaram uma série de tentativas de revoltas contra o governo implantado pelo golpe que excluiu os integralistas. A primeira delas foi a frustrada invasão da Rádio Mayrink Veiga no Rio de Janeiro, que provocou o aumento da pressão policial, com uma série de prisões, perseguições e interrogatórios de vários integralistas, inclusive Plínio Salgado, que já tinha sido intimado a depor em Niterói em 18 de fevereiro<sup>17</sup>. A última tentativa de revolta (10 de maio de 1938), visando tomar o poder e reverter o processo de ostracismo a que os integralistas estavam sendo relegados pelo getulistas, também resultou em grande fracasso e na construção de uma imagem de derrotada, difícil de ser suplantada, mesmo após 1945 com a fundação do Partido de Representação Popular.

Retomando as cartas, pode-se distinguir atuações e atitudes das militantes integralistas e simpáticas frente ao processo histórico em curso.

A primeira carta, de 30 de janeiro de 1938<sup>18</sup>, vem assinada por "uma brasileira" e dirige-se pessoalmente a Plínio Salgado sem qualquer formalidade hierárquica ou referência a sua função de chefe nacional da AIB. Parece evidenciar que a autora pertencia a uma rede de sociabilidade próxima do destinatário. O discurso é emocional e contundente na argumentação. Representava uma típica militância que fre-

qüentava as reuniões, como a citada que se realizou no Centro Caxias, no Rio de Janeiro. A autora também possuía o domínio de grande parte da literatura pliniana, pois a expunha com muita eloquência, assumindo a visão apocalíptica da AIB sobre a sociedade brasileira, sobre o país e sobre o futuro com o integralismo.

Assim, ela denunciava o "materialismo dissolvente", o "nacionalismo bombástico que corrói e confunde a obra do Integralismo". Falava da necessidade de rever a injustiça frente "aos irmãos integralistas distantes que sofrem humilhações, os irmãos operários explorados e dos nossos caboclos que abandonados morrem famintos pelas estradas". Reproduziu palavras de Plínio, cobrando-lhe ação quando apontava para a "relação do Exército, da Marinha e do Integralismo com o Brasil" e perguntava onde estaria a reação necessária, naquele momento, e que todos diziam ser preciso tomar, para salvar o país. Ela perguntava: o que ele estava esperando?

Para concluir, reportava-se a um trecho bíblico, em que Judith para atrair Holofernes premedita matá-lo, sem com isso perder a imagem de "santa mulher". Com essa comparação ela terminava a carta, enfatizando a sua confiança na justiça de Deus, mas, ao mesmo tempo, apelando para a luta, ao interpelar: "Deus deu as suas luzes, sua força, para salvarmos ou não a Terra de Santa Cruz?"

Mais uma vez o misticismo, tão presente em nossas raízes teológicas, agiu ao lado de uma pretensa racionalidade que se expõe em alguns momentos, compondo uma argumentação contraditória e apelativa aos sentimentos e à emoção, chegando mesmo à irracionalidade. Essa foi uma das características do discurso arregimentador integralista, em que a imagem divina e a família disciplinada, associadas à pátria idealizada, formavam o panteão nacional proposto. Tal simbologia penetrava fortemente no imaginário da militância feminina, motivando-a a conciliar papéis e mediar relações para manter a sociedade tradicionalista.

A segunda missiva não é um documento original. Trata-se de transcrição feita a máquina, sem qualquer estética dos parágrafos e preocu-

pação de alinhamento. Observa-se que ela foi preservada no acervo de Plínio Salgado pois representou um registro importante, confidencial, uma prova do envolvimento de terceiros na busca da mediação nas relações acionadas pelo jogo político desencadeado após 1937. Faziam parte da cênica do convencimento: estratégias de aproximação; utilização de amizades comuns; intermediação de terceiros; confidências e acessos de raiva. Além disso, o documento confirma a permanência do clientelismo, tão comum em nossa prática política, uma vez que as relações expostas são permeadas de juízos de valor e referências a laços de amizade, para solicitar favores e, se possível, remediar situações de crise.

O peculiar dessa carta foi a presença feminina articulando, participando, envolvendo determinadas pessoas de seu círculo de amizade, o que demonstra um certo domínio para transitar entre o público e o privado e vice-versa.

No cabeçalho identificador (sem assinatura no final da missiva), a nossa personagem é revelada: Carta escrita por d. Rosalina Coelho Lisboa<sup>19</sup> ao coronel Américo Pimentel, subchefe da Casa Militar do Presidente Vargas, no dia 21 de fevereiro de 1938.

O tratamento utilizado era pessoal, pois se dirigia ao "meu caro Pimentel", demonstrando certa intimidade com o destinatário. Comungava com ele um posicionamento político que percebia e denunciava a presença de comunistas no governo, além de um sentimento de desolação frente à campanha antiintegralista desencadeada e a crença na vitória da "causa que garante a evolução pacífica dessa Pátria que é o nosso culto". A intenção principal era solicitar uma interferência do amigo e recomendar que ele deveria alertar Filinto Müller sobre os últimos acontecimentos, para evitar a injustiça de uma aparença ingrata para ele, "defensor, faz tantos anos, de todos as nobres interesses do Brasil". Apontava os últimos fatos: ontem à noite prendem o seu próprio *chouffeur* (de Plínio Salgado) e atacam dois ou três núcleos vazios, deixando tudo em ruína. A carta estava ligada a uma promessa feita a Plínio de que intercederia junto ao presidente para libertar integralistas presos. Ao concluir, a curta missiva solicitava ain-

da do amigo general um favor: "peça ao presidente para chamar o Plínio de uma vez, para que se esclareça tudo de uma vez".

Nesse mesmo documento há um outro importante registro. Trata-se de um comentário escrito por Plínio Salgado, possivelmente feito em um momento posterior, após ter vivenciado as marchas e contra-marchas das mediações e tentativas feitas<sup>20</sup>. Com crítica contundente, manuscrita a lápis no espaço fino, ele faz uma denúncia diante da falta de credibilidade nas relações e promessas do governo de Vargas. Evidenciava com isso a fragilidade dos esquemas de apoio e das alianças políticas que foram sendo congregadas para interceder por Plínio Salgado e pela AIB no jogo político. Era um desabato feito por Plínio, três dias depois de ter sido intimado a depor na cidade de Niterói (18 de fevereiro) sobre as atividades da AIB em Petrópolis: "Por esta carta se vê a duplicidade getuliana, a safadeza e o cinismo dos patifes do governo getulesco."

O importante é que d. Rosalina Coelho Lisboa soube utilizar seu prestígio cultural e social e o círculo de amizades de seu marido, para interceder particularmente em prol da AIB e do "amigo" Plínio Salgado. No entanto, sua figura e sua atuação não são muito conhecidas ou divulgadas pela militância integralista, anterior ou remanescente, que se coloca como preservadora da memória do movimento.

A outra carta, da militante Margareth Helena Simianato, de São Carlos, cidade paulista, de 28 de fevereiro de 1938, veio confirmar o estado de inquietude que tomava conta da militância, inclusive masculina<sup>21</sup>. Manifestava uma certa desolação, mas ao mesmo tempo um sentimento de esperança na sobrevivência do movimento, que enfrentava naquele início de 1938 momentos cruciais na definição de seu destino.

Essa carta tem um caráter muito particular e pessoal, além de confirmar a permanência do messianismo focado na figura do "chefe nacional" sempre idolatrado, adorado e amado acima das vidas das militantes. Ela foi dirigida ao "chefe", saudando-o com seu "Anauê" e -

uma peculiaridade - veio acompanhada de uma foto da blusa verde, numa imagem escolhida e sorridente.

O discurso é a reafirmação de uma opção, de uma convicção e da fidelidade à Ação Integralista Brasileira até a morte. Assim, no decorrer de toda a missiva transparece uma argumentação crivada de fanatismo religioso, que se fundia com os aspectos pontuais da doutrinação desenvolvida nos núcleos através dos manuais distribuídos.

Dessa maneira, em vários momentos evocava a figura de Deus pela vida do "meu amado chefe até a nossa vitória" e evidenciava confusão de sentimentos - entre uma opção político-partidária e a devoção pessoal: "amo meu chefe mais do que tudo no mundo e o defendo em todos os insultos que ouço. [...] Já quiseram virar minha cabeça, mas não conseguiram, pois o meu coração já é Verde."

Esse documento foi uma resposta a missiva anteriormente enviada por Plínio Salgado, agradecendo a Margareth Helena Simianato o cartão de cumprimentos pelo seu aniversário. A troca de correspondência evidencia como a AIB mantinha uma intensa relação e contato pessoal, no âmbito do privado, com a militância, incentivada pelo próprio chefe nacional, através de cumprimentos por aniversários, batizados e casamentos. O procedimento assegurava, portanto, uma forma de penetração da representação da AIB no imaginário coletivo e no feminino, particularmente: "Querido chefe recebi a sua cartinha (para mim é uma relíquia, uma honra) que V. E. me enviou há 8 meses; fiquei muito satisfeita, me sumiu o sentido aquela hora, pois não acreditava que o nosso chefe (candidato único do Brasil) tivesse orgulho em me escrever, pois só ali podemos ver, em vós, Deus na terra."

Duas cartas escritas da cidade do Porto, em Portugal, por Maria Rosa Correia Spratty Pinto da Silva<sup>22</sup>, uma de 10 de fevereiro de 1937 e outra de 8 de fevereiro de 1938, chamaram a minha atenção para a possibilidade de compreender a dimensão da rede de sociabilidade entre homens e mulheres, as formas de aproximação que a AIB e Plínio Salgado construíram nos países europeus que tinham aderido ao fascismo<sup>23</sup>.



Ambas tinham sido abertas pela Censura Postal do Distrito Federal, pois nelas constavam carimbos oficiais, por estarem endereçadas ao "Exmo. Sr. Dr. Plínio Salgado, Digno Chefe dos Integralistas".

A autora das missivas reconheceu a impropriedade da forma do endereçamento postal a Plínio Salgado e admitia a razão de não terem elas chegado ao seu destino, por vias oficiais, uma vez que naquele momento os partidos políticos estavam proibidos de atuar por decreto de Vargas.

Na segunda carta, dirigida ao "Sr. Plínio Salgado", ela esclareceu o motivo de sua insistência em manter a correspondência, anexando uma cópia da carta anterior e informando ainda do envio simultâneo de uma missiva sigilosa ao sr. dr. Getúlio Vargas, nas quais intercedia a favor dos integralistas que estavam sendo presos e perseguidos, enfatizando que ele não poderia prescindir desse apoio, uma vez que foram os integralistas que asseguraram a sua permanência (de Vargas) no poder. Com isso ela demonstrava que possuía informações sobre o envolvimento dos integralistas no preparo do golpe de 1937.

A autora prossegue nessa carta (1938) com um discurso em defesa do integralismo, das personalidades do alto comando da AIB, das qualidades de seus administradores de alto nível, apontando a pessoa de Plínio Salgado e a luta pela defesa da pátria: [...] "é dever dos integralistas estarem sempre alertas, com os olhos, todo o amor e carinho na mãe Pátria; prontos a darem o seu sangue e a evitarem a derrocada."

No entanto, o objetivo precípuo da missiva era particular, pessoal. Ela vinha solicitar os préstimos de Plínio Salgado e seu prestígio pessoal para ajudá-la a resolver questão de disputa familiar frente a uma herança: um prédio no Rio de Janeiro a que tinha direito, mas que era objeto de disputa na partilha. Um problema de natureza familiar, privado, que envolvia a figura de terceiros, mas que evidenciava a aproximação de idéias que tinha raízes comuns: a presença do autoritarismo e do misticismo religioso.

O estudo dessa correspondência, portanto, permitiu-me ampliar a dimensão da atuação da AIB, como uma organização estritamente de caráter nacional, percebendo como o seu discurso conseguia captar as novas relações de gênero que estavam em discussão nos anos 30, diante do processo de modernização/modernidade, principalmente diante do cosmopolitismo avassalador nas cidades. Evidenciava ainda as relações políticas mediadas por uma rede de pessoas, de famílias, que Plínio Salgado soube aproximar e manter, inclusive em outras países da Europa, e que lhe foram muito úteis no exílio.

As estratégias de arregimentação de um público feminino foram consideráveis. Os discursos dos plinianos souberam captar os anseios e a esperança que a vida moderna introduzia e disseminava com o rádio, o cinema, não só na sociedade brasileira, mas também na conservadora sociedade portuguesa. A AIB veio abrir novas oportunidades para muitas mulheres, principalmente as solteiras e de segmentos médios, para as quais o casamento não era uma possibilidade imediata. Elas aderiram diante da oportunidade de uma maior visibilidade e de participação que, embora fosse disciplinada e instituída, mantendo-as nos papéis tradicionais junto à família e à sociedade, abria brechas para que pudessem pensar: "O Integralismo fará de nós mulher - boneca de Sévres - a mulher culta, inteligente, útil à sociedade" (Nair Nilza Peres, 1936).<sup>24</sup>

Ao pensar sobre o "destino da Mulher e do Homem na Sociedade Integral", a AIB colocou em debate a questão da relação de gênero, enfatizando: "a faculdade perceptiva feminina é mais aperfeiçoada que a do homem. Daí seu papel na educação do próprio homem".<sup>25</sup> A correspondência feminina tornou-se, portanto, uma rica documentação, não só pelo aspecto inédito na produção do fato, mas para a compreensão das relações construídas na e pela militância integralista, que absorveu um contingente expressivo de mulheres.

Com isso, ampliaram-se e diversificaram-se as representações e os significados atribuídos ao integralismo no Brasil, pela possibilidade de introduzir estudos das relações de gênero e, principalmente, de

um cotidiano e de outros movimentos de tensões em que sujeitos resignificam as práticas sociais.

Enfrentamos ainda uma historiografia permeada pela cultura visual e histórica ligada à ideia de uma "parceira ausente", inferior e sem originalidade, que é reforçada por padrões científicos misóginos, pois existe "sexo nos arquivos e no ato de fazer a História", segundo Bonnie Smith (2003).

As poucas cartas femininas encontradas no acervo de Plínio Salgado, pela qualidade dos indícios observados, valeram a pena. A história mais uma vez ganha com isso.

#### Notas

1 - A correspondência faz parte de uma vasta documentação que compreende o acervo documental privado de Plínio Salgado, doado ao Arquivo Municipal de Rio Claro por sua esposa, d. Carmela Patti Salgado, em 1982. Inclui aproximadamente 40.791 cartas recebidas e enviadas no período de 1926 a 1976, segundo o inventário da documentação consultada no Arquivo. A organização desse vasto e complexo *corpus* documental durou aproximadamente seis anos. Teve início em 1983, com a coordenação da prof<sup>a</sup> Ana Maria Camargo, diretora do Arquivo naquela época, e contou com a colaboração das funcionárias municipais Maria Antonia Gardenal Molon, Regina Helena Moura Riani Costa e Maria Cristina Mussolino, além da direta participação de d. Carmela na identificação e esclarecimentos sobre a documentação, que se encontrava em caixas organizadas de uma forma aleatória e subjetiva, onde houve, apesar de todo o cuidado metodológico, uma prévia seleção.

2 - A AIB, Ação Integralista Brasileira, na produção de uma imagem pública, oficial, sempre se apresentou essencialmente machista, evidenciando-se, algumas vezes, a ideia de uma "parceira ausente", inferior e sem originalidade. (Smith, 2003)

3 - Publicações recentes, como, por exemplo, o estudo da correspondência de três figuras do modernismo, produzido por Laura de Mello e Souza, demonstram como o acesso a esse tipo de documentação vem enriquecer ainda mais o trabalho do historiador.

4 - O projeto de pesquisa foi apresentado para o triênio de 1998-2001, junto ao Departamento de Ciências Políticas e Econômicas do Curso de Ciências Sociais da UNESP/Marília.

5 - Há uma ampla controvérsia sobre o real percentual quantitativo dos militantes na AIB. Rosa Maria F. Cavalari (1999, p.34) enfoca os dados oficiais do *Monitor Integralista* de 7 out. 1937, que indicam precisamente 1.352.000 mililitantes; em Aggio et al. (2002) estima-se que eles chegaram "a cerca de 200 mil pessoas por volta de 1937".

6 - Sigma era o sinal simbólico do movimento integralista e deveria estar presente em todas as cerimônias, uniformes e bandeiras. A escolha da letra grega, que correspondia ao "S" maiúsculo, deu-se por significar a "soma dos finitamente pequenos" e também a letra dos primeiros cristãos da Grécia, que indicava a palavra "Deus", além de representar o nome da estrela Polar do hemisfério sul. O seu uso era disciplinado nos protocolos e rituais da AIB, conforme regulamento publicado no *Monitor Integralista*, Niterói, n. 18, p. 7-8, 1937.

7 - Carta de Arlindo dos Santos a Plínio Salgado, informando o adiamento de 150\$000 pelos livros que ele publicou. Não há referência aos títulos dos livros.

8 - Nessa carta, que também enviou a Plínio Salgado, o médico acusa a presença de privilégios para outros membros integralistas da Câmara dos 40, que ficaram apenas dois dias detidos, como: Nunes Seliva, amigo do cap. Filinto Müller, J. Carvalho Cardoso, médico da senhora do delegado dr. Nazaré, e Sergio Seliva, diretor da revista *Fon-Fon*.

9 - Ângela de Castro Gomes, ao trabalhar com a correspondência do ministro Gustavo Capanema, no período de 1934-1945, ressaltou aspectos dessa singularidade (Gomes, 2000).

10 - Roger Chartier (1988) propõe que se tome o conceito de representação num sentido mais particular e historicamente determinado.

11 - Exemplos: carta do dr. Antônio de Toledo Piza, chefe municipal de Taquaritinga, em 20 de julho de 1934, e do chefe municipal de Araraquara, solicitando conselhos administrativos.

12 - A correspondência é Lafaiete Soares de Paula, secretário interino do Departamento de Propaganda da AIB, em 8 de agosto de 1934. Ele faz longa justificativa da necessidade de uma grande operação de propaganda para enfrentar as eleições, mesmo que o integralismo não acredite na evidência do voto, "por ele ser ilógico, mas que se deverão servir dele para combatê-lo". Além, disso propõe a "arregimentação de novos elementos, infiltração da doutrina, organização de novos núcleos e necessidade imperiosa da agitação

nas ruas, como parte da psicologia de massa". A participação feminina era também requerida de modo a justificar a não-tolerância à inatividade: "devemos criar um clima revolucionário para não permanecermos isolados no vácuo".

13 - Segundo Maria Amélia Salgado Loureiro (2001, p.238-242), em 11 de março de 1938, um levante prévio havia sido programado no Rio de Janeiro, coordenado por Belmiro Valverde e Severo Fournier, ligados ao general Euclides Figueiredo, que fracassou. Em 10 de maio, novamente a notícia de uma reação armada dos integralistas contra o governo, sem autorização: "desobediência acintosa de alguns companheiros".

14 - A Legião Cívica Argentina era uma organização nacionalista de direita, paramilitar e fascista, fundada nos anos 1930, cujos membros treinados nos quartéis do Exército argentino faziam críticas ao liberalismo e ao imperialismo. Fortaleceu-se com as dissidências internas após o golpe de José Felix Uriburu (1930), que instalou a República Conservadora, ou a "década infame" atribuída às oligarquias associadas ao capitalismo inglês (Capelato, 1998; Aquino, 2000).

15 - Enviada pelo chefe do Gabinete da AIB, Gerardo Mello Mourão, em 6 de fevereiro de 1937, solicitava da ilustre senhora o envio de outros endereços de partidos semelhantes à AIB e à Legião Cívica, ambos de tendência fascista, além de jornais e organizações culturais. A carta era endereçada à rua Chabuco n. 688, em Buenos Aires. Pode-se inferir pela leitura que a sra. Padilla Ibanez tivera um contato anterior e direto com Mello Mourão, pois ele ressaltava que "não precisamos nos apresentar, pois já nos conhecemos bastante, quer através de vossa ação na Legión Cívica Argentina, quer pelo honroso contato que convosco mantivemos em uma sessão da Ação Integralista Brasileira no Rio de Janeiro".

16 - Carmela Patti era filha de Fortunato Patti e dona Maria Pagliuso Patti, fazendeiros residentes em Taquaritinga. Como militante integralista, tornou-se presidente do Departamento de Arregimentação Feminina do núcleo local da cidade e mantinha com Plínio Salgado "assídua correspondência", segundo Maria Amélia Salgado, filha do primeiro casamento. O casamento foi realizado em 13 de abril de 1936, na cidade paulista de Aparecida do Norte, e ambos foram residir no Rio de Janeiro, ficando a filha Maria Amélia com a tia, Irene Salgado, em São Paulo. Ver Loureiro (2001, p. 216).

17 - Plínio e d. Carmela passariam a viver na clandestinidade, ocupando várias residências de militantes e simpatizantes até ele ser descoberto e preso com a família em 26 de janeiro de 1939.

18 - Trata-se de uma carta longa, de 4 folhas numeradas, expedida do Rio de Janeiro.

19 - Rosalina Coelho Lisboa era casada com o sr. Larragoiti, empresário da Sul América de Capitalização. Foi jornalista, integralista e "amiga" de Plínio Salgado. Devido às ligações com Vargas, representou o Brasil em várias delegações no exterior, como Chicago (1933), Buenos Aires (1936) e Lima (1938), na Conferência Pan-Americana, onde em alguns momentos defendeu posição pró-Alemanha. Ver Helio Silva (1971, p. 352-357). Em 1952 publicou um livro sobre a biografia do tenente Siqueira Campos, *Seara de Cairn*, pela José Olympio, que foi resenhado por Plínio Salgado no jornal do Partido de Representação Popular, em 31 ago. 1952. Rosalina faleceu em 1975.

20 - A trajetória de Plínio Salgado após o golpe de 1937, segundo biógrafos mais próximos, entre eles a filha e Gumerindo Rocha Dórea, seu editor atual, foi crivada por clima de tensão diante de inúmeras tentativas de ajustes e mediações com o poder instituído. Desde 21 de dezembro de 1937, Plínio Salgado passou a viver com a família, d. Carmela e a filha Maria Amélia, na clandestinidade. De casa em casa de amigos e simpatizantes, hotéis, pensões apartamentos, sítios, fazendas, seja no Rio de Janeiro ou em São Paulo, eles tentaram apagar pistas, fugindo da polícia comandada por Filinto Müller. Em 18 de agosto de 1938, houve o julgamento do levante integralista de março e, dos 120 indiciados, 30 foram absolvidos, sendo os demais condenados à prisão, incluindo seu genro Loureiro Júnior. Buscas e solturas foram frequentes, até que em 30 de maio de 1939 foi ele recolhido à Fortaleza de Santa Cruz e, em 30 de junho, exilado para Portugal com d. Carmela (Loureiro, 2001, p. 253-272).

21 - No mesmo período, encontrei dezenas de telegramas de militantes emitidos de diversos núcleos de São Paulo e do resto do Brasil, esboçando opiniões e evidenciando as tensões frente ao momento de indecisão que a AIB enfrentava em janeiro e fevereiro de 1938.

22 - Maria Rosa Correia S. Pinto da Silva pertencia a uma família aristocrática portuguesa. Segundo sua própria identificação, era parente do conde de Pombal, filho do marquês de Bidos, que vivia no Rio de Janeiro, e prima do dr. Bernardes Pinheiro de Aragão, que era proprietário de um apartamento na travessa do Rosário com o largo de São Francisco, no Rio de Janeiro.

23 - Em 1933, Antônio de Oliveira Salazar, como primeiro-ministro, deu um golpe introduzindo nova Constituição em Portugal e criando o Estado Novo, de cunho totalitário e fascista. Com uma série de prisões e perseguições, tinha início uma das mais duradouras ditaduras de direita na Europa (1933-1968).

- 24 - Artigo da militante, com o título "A Mulher e o integralismo", publicado na revista *Anaúé* de 1936.
- 25 - São palavras de Plínio Salgado proferidas em uma de suas conferências, em 1946, com o título "A mulher no século XX", para um público preferencialmente feminino em Portugal.

### Referências bibliográficas

- AGGIO, Alberto et al. *Política e sociedade no Brasil: 1930-1964*. São Paulo: Annablume, 2002.
- AQUINO, Jesus Oscar. *História das sociedades americanas*. São Paulo: Record, 2000.
- AVELAR, Lucia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Edunesp, 2001.
- CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. *A república do empenho: Rui Barbosa e o clientelismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.
- CAVALARI, Rosa Maria. *Integralismo, ideologia e organização de uma partido de massa no Brasil*. Bauri: Edusc, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *The writing of History*. New York: Columbia University Press, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados. In: DAGNINO, Evelina (Org.). *Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: imaginário popular*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- GALVÃO, Wainice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

- GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso de Felinto Müller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 10, p. 41-66, 1997.
- LOUREIRO, M. Amélia Salgado. *Plínio Salgado, meu pai*. São Paulo: GRD, 2001.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura*. Bauri: Edusc, 2000.
- POSSAS, Lidia M. Vianna. *Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista*. Bauri: Edusc, 2000.
- SCOTT, Joan Wallach. Gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.
- SILVA, Helio. *1938: terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- SMITH, Bonnie. História e gênero: homens, mulheres e a prática histórica. Bauri: Edusc, 2003.
- SOUZA, Laura de Mello e. Vozes dissonantes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n. 102, 14 fev. 2004. *Jornal de Resenhas*, p. 1-2.
- VARGAS. Getúlio. *Diário*. Rio de Janeiro: FGV, 1995. 2 v.

**Resumo:** A autora explora o uso da correspondência como fonte para o estudo das relações de gênero no contexto da militância política do integralismo.

**Abstract:** The author explores the use of letters as a source for study gender relations in the context of "integralist" political militancy.

**Sobre a autora:** Doutora em História pela Universidade de São Paulo, leciona no Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, e é autora de vários trabalhos sobre a condição feminina.

**Sobre o texto:** Versão modificada de capítulo publicado sob o título "Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38)" em GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 257-277.

**Palavras-chave:** relações de gênero; integralismo; correspondência.

**Key words:** gender relations; Brazilian integralism; letters.